

O "Português,, de D. Manuel no Museu Municipal do Pôrto

Entre outras preciosidades, possui hoje ⁽¹⁾ o Museu Municipal do Pôrto três exemplares do *português* de ouro de D. Manuel cunhado depois da descoberta da índia, moeda muito pouco vulgar nas colecções numismáticas.

As legendas destes três exemplares são todas diferentes e nenhuma delas é igual à que consta das obras de Teixeira de Aragão (2) e Pedro A. Dias ⁽³⁾.

O exemplar n.º 1 tem legendas iguaes ás dos dois exemplares do "Cabinet des Medailles" de Paris ⁽⁴⁾, salvo pequenas variantes quanto a pontuação, diferindo das descrições de Aragão e Dias quanto à grafia da palavra VINCES, que aparece com um só E. Os exemplares n.ºs 2 e 3 diferem de todos os outros porque apresentam na legenda do anverso o desenvolvimento das abreviaturas G (Guiné) e I (índia).

Eis a descrição dos três exemplares:

1. + I: EMANVEL: R PORTVGALIE: AL: C. VL. IN: A.
D: G. — C. N: C. ETHIOPIE. ARABIE: PERSIE: I:
R. IN:: HOC:: SIGNO:: VINCES::

2. +: I: EMANVEL: R. PORTUGALIE: AL: C: VL: IN: A:
D: G — C. N C. ETHIOPIE: ARABIE PERSIE IND
R. IN:: HOC:: SIGNO:: VINCES::

3. + I. EMANVEL. R. PORTVGALIE: AL: C: VL. IN. A.
D: GVIN — C. N: C. ETHIOPIE: ARABIE PERSIE: INDIE:
R. IN:: HOC:: SIGNO:: VINCES::

DAMIÃO PERES.

(1) A colecção numismática do Museu Municipal do Porto foi ultimamente enriquecida com o valioso legado de moedas portuguesas do Dr. Caldas, professor da Escola Medica do Porto, constituído por 121 moedas de ouro, 213 de prata, 2 de níquel, 2 de bolhão, 233 de cobre e 13 de bronze.

(2) "Descrição geral... das moedas... de Portugal,.; I, 248.

(3) "Catalogo da colecção de moedas... de E. L. Ferreira do Carmo"; pag. 25 e 26.

(4) Artur Lamas—Portugal no "Cabinet des Médailles de Paris" — Em "O Archeologo Português», vol. 13.º (1908), pag. 319.

Notas Bibliográficas

BREVE NOTÍCIA DAS OBRAS OFERECIDAS

Adão e Eva—*Peça em 3 actos, de Jaime Cortesão*. — No espírito de Jaime Cortesão, assenta, sobre uma delicadíssima organização de poeta, a trama duma educação científica de médico. E se na doirada Hora lírica que é a mocidade, o poeta cantou e viveu o seu sonho de beleza, agora que o espírito lhe faz, da sementeira das experiências, a colheita da sabedoria, não admira que o médico observador modele em arte a realidade objectiva, com mais largos e humanos intuitos.

A *Olaria humilde* é a formosa e comovida dádiva de emotividade do poeta. As *Memórias da Grande Guerra* são o doloroso e épico documento duma grande alma de português que teve como ninguém mais profunda e soube dar como ninguém mais sugestiva a visão formidável da catástrofe europeia. Esses dois livros consagram para sempre. Quem os escreve e sobretudo quem os vive está acima das flutuações do favor da crítica. Deve, num bem merecido descanso de sétimo dia, assistir sem alai mês à discussão das ideias que lança na circulação social, certo como está de que o seu resultado, se lhe não traz acréscimo de renome, já lhe não põe em perigo o que o artista acima de tudo preza — a fidelidade admirativa do público.

Jaime Cortesão fez representar ultimamente em Lisboa uma peça que tem sido discutidíssima. Quis a sua amizade mandar-no-la. Digamos desassombradamente o que ela nos sugeriu, com a lialdade que se deve à superioridade do seu espírito.

Como as *Memórias* são a visão da realidade formidável que foi a Grande Guerra, *Adão e Eva* é a interpretação do seu significado social e a sugestão das conclusões que, para a esfera da acção, dela derivaram.

Marcos, o protagonista, é um ex-combatente, condecorado e ferido. Professor e artista, temperamento exaltado de apóstolo, prega entre o operariado a Boa-Nova da remodelação social, do desmoronamento, segundo o seu símbolo, dessa muralha que um dia os usurpadores ergueram em torno da árvore da vida, para privar dos seus frutos a multidão escrava que, fora, ficou trabalhando e penando. Porque a prega? Porque, segundo se recorda, no desdobramento da peça uma tarde de batalha, na Flandres, teve a desolada visão da ineficácia da doutrina cristã para a perfeita organização humana. Foi quando, recuperando os sentidos, visionou a planície imensa juncada dos 20 milhões de cadáveres e sobre ela, sucumbido de pasmo e desalento, o célebre Cristo de Neuve-Chapelle que,

vencido» se reconhece o trágico símbolo do sua inútil moral de piedade e renúncia.

Tal apostolado, porém,, prepara uma explosão revolucionária, a que ele, mais para a retórica que para a acção, é entanto alheio. E na violência inútil dos saques e incêndios, Marcos sente que de ambos os lados da barricada as almas são feitas do mesmo lodo e sofriam intimamente as mesmas ocultas feras,

Mas não sucumbe na sua fé. Mesmo vencido, mesmo preso, no momento em que lhe propõem uma liberdade que ele sabe vai livrar da morte um amigo e conservar-lhe o amor da Bem-Amada, irmã deste, ergue-se ao sacrifício próprio e de ambos, para que possa ser, na derrota dos homens, o triunfo do princípio, no desespero colectivo, a imorredeira esperança na felicidade futura.

Os outros personagens, exprimindo atitudes sociais, são: Domingo?; — o egoísmo burguês que explora para enriquecer; Justino, seu filho, oficial do exercito — a obediência ao hábito e à convenção, a defesa, por inércia, do existente; Cónego Frutuoso, seu tio—a ineficaz terapêutica da piedade e da renúncia cristãs para o mal social. Há ainda Susana, namorada de Marcos, de quem adeante se falará; e como acessórios scénicos, uma mãe inútil e um impedido que sempre faz alguma coisa.

E eis, sem os arranjos da teatralização, a peça tão discutida de Jaime Cortesão.

E' impecável como ideação? Não é. Porque não é nem a mais verdadeira nem a mais adaptada à pacífica remodelação da vida social a ideia de que a propriedade tenha como base o roubo e seja a usurpação o pecado original de onde todos os crimes derivaram. E entanto nessa ideia insiste Marcos, mesmo quando a revolução abre seus olhos para o lastro de ferocidade comum que impede o voo das almas, ou seja, para o egoísmo animal que,, sendo o fundo ancestral dos homens, é muito mais original que a usurpação; que bem evidentemente dele deriva.

E' impecável como teatralização? Por fornica alguma. O lírico faz pressão sobre o dramaturgo e prejudica-lhe o sentido dramático. Durante os três actos encapela-se lá fora uma revolução social, que invade a scena de sinistros clarões de incêndios e de marulho de multidão revolta. Cumpria que no palco ela tivesse ressaca proporcionada, que lhe acentuasse relevo. E não tem. A epopeia exterior chega até aqui em ecos atenuados de lirismo e retórica.

Assim, no primeiro acto, a tragédia dilue na tempestade de palavras duma discussão, que é, tanta vez, o nebuloso embate de símbolos e alegorias contra crimes que se não precisam, tudo a uma boa distância da base activa. E esta discussão prepara a tragédia do segundo acto.

Se no primeiro a tragédia se dilue um pouco na incontinência retórica, no segundo ela vai atenuar-se num lirismo que se lhe não coaduna. A Susana falta absolutamente a linha dramática que a situação lhe exige. Quasi toda a intensidade do segundo acto deriva da sua chorosa insistência para que, em plena revolução, Marcos, socialista, a viesse pedir ao Pai, açambarcador odioso. E o que condiciona a discussão violenta entre os dois inimigos, é a vinda de Marcos a casa da noiva em pleno reinado de incêndio e saque... para cumprir uma promessa sentimental...

Entra, épicamente roto, em desalinho a cabeleira, em espanto infernal o olhar... mas *retóricamente* exuberante ainda, sem delicadeza para poupar a mãe e a irmã dunvamico, à consciência-do.perigo em que o deixou; mas sobretudo, *liricamente* fiel ao^ *rendez-vous* aprazado com a namorada! ... No terceiro acto, há a beleza grandiosa do gesto de Marcos, recu-

sando trocar pela própria liberdade, pela salvação da vida do amigo, pela conservação do amor da noiva a sua fé de apóstolo e a sua consciência de símbolo da esperança que é preciso não deixar perecer.

. . . Simplesmente a situação inferioriza o gesto. Para que o conflito dramático folgurasse na alma de Marcos, era necessário que, contra a sua fidelidade aos princípios, embatesse um motivo imperioso para sair da cadeia, mais sagrado que o amor da liberdade física. Mas o motivo de salvar a vida de Justino não tem grandeza. Primeiro, porque se não compreende o desejo histórico que Justino tem de ver a Marcos. Apenas para saber livre o apóstolo cuja grandeza compreende, enfim?

Mas uma piedosa mentira bastava. Marcos estaria livre, a penas ligeiramente ferido num pé, por exemplo... Ou para lhe dizer o seu arrependimento de lhe não ter seguido o conselho, o conselho bem discutível de fugir ao cumprimento dos seus deveres militares, na ocasião precisa em que o chamavam para sufocar a revolução e manter a ordem! Mas esse arrependimento não parece, afinal, ser-lhe apenas despertado pela circunstância pouco nobre de ter sido ferido?...

A situação exterior, evidentemente, inferioriza a atitude das almas, a que nem sempre falta, entanto, nobreza dramática. E' pena ver assim antecipadamente diminuída a sugestão forte da scena por que a peça termina, dum tão vivo relevo literário, dum tão grande vigor de emoção e dum tão rico sentido simbólico ! A mulher que o novo Evangelho acaba de conquistar, surge como a bela garantia do seu triunfo, pelo impulso que a sua lógica sentimental lhe vai dar; mas simultaneamente se eleva como o amoroso compromisso entre o mundo que vai surgir e o mundo que se desmorona, como a promessa de continuidade na virtude transformativa e criadora do amor, no pacífico empenho de destruir as ideias, sem deixar de poupar os homens.

Boa Nova—versos de Angelo César. Conhecem o autor? Se o conhecessem, adivinhavam-lhe os versos na fisionomia sem crispações, nos olhos sem tragédia, no falar sem o nervosismo duma dissonância. Um resumo de toda a sua poesia, esta linda quadra:

Tenho uma fonte no peito — Pela
voz água a correr... Cantigas matam
a sede, Meu Amor, anda beber!

São, em verdade, duma suave tristeza e ao mesmo tempo duma ingénua frescura de água fluindo no crepúsculo, os versos de Angelo César. A maior parte têm todo o ar de ser feitos de molde a esoaem-se, no ciclar da resa, para ouvidos enamorados.

Mas há entre eles um ou outro revelador duma subtil vibratilidade visionante. Assim, "A Morte da Lua., e "Luar". Não falta também, aqui ou além, sua nota de lirismo menos subjectivo, prenúncio, bem o desejamos, de versos menos para namorados, de mais cheio fôlego poético e mais largo intuito humano:

Mortos da índia! filhos da Aventura!
Saí da cova; o sonho ainda dura,
um Mar sem fim o nosso grande amor!

Caravelas fantasmas! Lírios mastros!
Voltai do Sol, voltaí, voltaí dos astros,
Vinde trazer-nos o oiro do Senhor...

E' o primeiro livro do autor. E como a mocidade é duma ingénua prodigalidade, dá-nos tudo que lhe flue dos lábios, sem se lembrar as vezes das nossas exigências... Mas não consta que fosse Apoio a divindade que surgiu inteira e armada da cabeça de Júpiter... Mais convêm a ingénua exuberância que o refinamento estiolante.

Tântalo—*Sonetos de Américo Durão*.—O livro é prefaciado por Leonardo Coimbra que se não contenta com os lugares comuns da pragmática do prefaciador. Cinge o pensamento e a sensibilidade do poeta numa crítica reveladora, como a sabe fazer o artista, o filósofo e o crítico que é o nosso Director. Isto nos dispensa de dedicar à invulgar poesia do *Tântalo* o espaço e o tempo correspondentes ao seu mérito. Apenas diremos que na literatura moderna portuguesa ninguém melhor sabe dar

A dor sem nome de nascer vencido...

Angústias que só não gritam a sua revolta pela inutilidade do grito no espaço indiferente, ânsias que mal se esboçam já cansam, gestos lentos e lânguidos a colher frutos que logo mirram ao contacto das mãos pálidas... — eis os fantasmas que erram neste espiritual jardim de exílio, derramando no ambiente mórbidas sugestões de desalento e desgosto...

Namorados. *Sonetos de Virgínia Vitprino*.—Teve uma graça fulgurante de aparição, o livro que devemos à simpática gentileza da autora. Em pouco tempo, exgotaram-se quasi duas edições, o que no nosso mercado é um interessante problema que se interessa o editor, não pode também deixar de interessar o crítico. Porquê este favor do público? Não comprometerá ele o valor da obra, sabido como o nosso público, tão mau leitor, de gosto literário tão mal educado, prefere, por exemplo, a artificiosa e formal elegância de Júlio Dantas, à intensidade adivinhadora e reveladora de Teixeira de Pascoais? Não compromete. O público feminino (porque ele certamente tem predominado em reclame e compra) ama em Virgínia Vitorino o mais sincero intérprete da sua alma. Esta poetiza não será o melhor joalheiro da sua riqueza interior. Mas ninguém sabe engastar em mais simples filigranas de forma, mais puras e autênticas pérolas de psicologia feminina! Nem atavios rebuscados, nem recursos artificiosos de imaginação. A's vezes, mesmo, nas duas quadras do soneto, um desalinho de expressão, um embaraço de desdobramento retórico, uma manifesta pobreza de fantasia criadora. Mas que querem? E' o trabalho do cérebro, nesta autora mau colaborador da sua arte. Ah! Mas em comparação, que lindo e verdadeiro remate o coração dá ao artifício técnico! Fica vibrando na alma a nota percutida, num comovido alarme de primeira revelação!

Quer o leitor um exemplo do que eu digo?—imperfeição e pobreza imaginativa no desdobramento do soneto, mas imprevisto remate de verdade e beleza sugestivas? E' ler o soneto:

LÁGRIMAS

Choramos tanta lágrima na vida! E ás vezes nem o choro nos faz bem. São saudades de tudo e de ninguém. E' uma amargura apenas presentida.

Uma esperança, uma ilusão perdida,
DOR; que não percebemos de onde vem....
A tristeza que faz perder Alguém!
Oh, máguia, pequenina e dolorida!

Inda quem chora» e sabe porque chora,
vai diluindo a máguia em cada hora, e nada
mais que a própria dor já vê.

Lágrimas silenciosas a rolar!
São os que mais nos custam a chorar;
As que choramos sem saber porquê.

Não é, por forma nenhuma, o melhor soneto dos "Namorados" Mas em nenhum mais que neste é nítido o contraste entre a colaboração da técnica que é chamada a preencher 8 linhas e a colaboração da emoção que faz a perturbante revelação espiritual.

O artigo «O Bolchevismo como experiência moral» é do

PROF. NEWTON DE MACEDO.